

AÇÃO CULTURAL PARA REINVENÇÃO DAS PRÁTICAS EM BIBLIOTECAS: CRIAÇÃO DE OUTROS MEIOS E OUTROS FINS – AS CONTRIBUIÇÕES DO COLETIVO ESTOPÔ BALAIO

ACCIÓN CULTURAL PARA LA REINVENCIÓN DE LAS PRÁCTICAS EN BIBLIOTECAS: CREACIÓN DE OTROS MEDIOS Y OTROS FINES – LAS CONTRIBUCIONES DEL COLETIVO ESTOPÔ BALAIO

Marcos Paulo de Passos*

RESUMO

Introdução: A Ação Cultural é campo conceitual e de prática experimental do campo das Artes, presente, também, nas práticas profissionais de bibliotecários em bibliotecas públicas.

Objetivos: Assinala a importância do diálogo de diferentes profissionais, dentro e fora das bibliotecas, que possam conferir articulação e autonomia expressiva para grupos culturais locais, redimensionar práticas e possibilidades de experimentação diversa nos dispositivos culturais da cidade. Este relato pretende indicar a biblioteca como dispositivo para afirmação de expressividades locais, articulação entre sujeitos e apropriação (cultural e simbólica) de espaços públicos. Ademais, procura suscitar reflexões sobre a atuação profissional do bibliotecário em âmbitos educativo-culturais, sobretudo, concernentes à Ação Cultural.

Metodologia: Relato de experiência que recupera parcerias, aborda e apresenta projetos realizados pelo Coletivo Estopô Balaio, no extremo leste de São Paulo. Nesse sentido, foi realizada pesquisa documental, a partir da produção do próprio grupo, com aporte teórico do campo da Ação Cultural, que sustenta a narrativa.

Resultados: A parceria entre bibliotecários e artistas-educadores mostra que é preciso redefinir e ampliar ações dentro da Biblioteca Pública, numa perspectiva de atuação sociocultural.

Conclusão: A Ação Cultural, numa perspectiva articulada, reúne aspectos para afirmação expressiva de grupos e atores sociais locais, ressignificação de dispositivos culturais e práticas profissionais, aproximação entre os campos das Artes e da Biblioteconomia.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: mppassos@usp.br.

Palavras-chave: Ação Cultural. Biblioteca Pública. Artes e Biblioteconomia. Memória Social. Ocupação de Espaços Públicos. Coletivo Estopô Balaio.

1 PRÓLOGO

Este relato pretende indicar a biblioteca como dispositivo para afirmação de expressividades locais, articulação entre sujeitos e apropriação (cultural e simbólica) de espaços públicos. Ademais, procura suscitar reflexões sobre a atuação profissional do bibliotecário em âmbitos educativo-culturais, sobretudo, concernentes à Ação Cultural.

Para tanto, aborda a produção cultural do Coletivo Estopô Balaio (de) Criação, Memória e Narrativa, conjunto de *artistas-moradores* e de *artistas-estrangeiros* que vêm realizando uma série de intervenções artísticas no bairro Jardim Romano, estabelecendo uma nova cartografia cultural para a cidade de São Paulo, desde 2010.

Assim, o relato estrutura-se com este prólogo, 3 Atos, sendo 2 constituídos de duas cenas cada, 1 interlúdio, com uma cena, e 1 coro. Procura-se recuperar a gênese de algumas ações realizadas pelo coletivo, que ressignificaram o papel social e as práticas da Biblioteca do Centro Educacional Unificado Três Pontes na comunidade e, em outras, aos arredores do bairro, na região leste e, num momento posterior, na região sul de São Paulo.

Por fim, iniciativas de Ação Cultural do grupo abrem-se como novas perspectivas de atuação, sobretudo, pela força metodológica do teatro-documentário, das dramaturgias e das ações que realiza, atividades que indicam outras possibilidades de diálogo entre os campos das Artes e da Biblioteconomia.

2 METODOLOGIA

A produção documental consultada compreende os anos de 2009 a 2016. As principais fontes documentais de consulta e pesquisa foram: o site do Coletivo Estopô Balaio¹, vídeos postados na *web* (em canal veiculado pelo *youtube*² e *blog*³), produção textual impressa em cartazes e folders das produções artísticas, participação como espectador em diferentes produções do grupo, sobretudo, das 3 dramaturgias, transcrição de gravação de áudio do mini-curso realizado no Centro de Formação e Pesquisa do SESC-SP⁴ (arquivo pessoal) e, principalmente, artigos da revista temática impressa: a Balaio.

Desta última fonte, bibliográfica, o texto: “A nascente do acervo das águas”, narrativa de dentro para fora da biblioteca, é recuperado na íntegra, pois constitui parte do relato, pontos de abertura e do acompanhamento da ação cultural levada a efeito pelo coletivo. De outra forma, posiciona o narrador como integrante do coletivo, na medida em que permite sua participação numa outra perspectiva do palco: a experiência do espectador.

Ademais, este relato, mobilizado pela força cênica das dramaturgias, requer referências ao que o Teatro suscita, não somente em termos da Ação Cultural, mas em termos textuais, de estrutura e linguagem.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO

Jardim Pantanal, área manancial e residencial situada no extremo da zona leste do município de São Paulo, é uma região que faz divisa

¹ Disponível em: <<http://coletivoestopobalaio.com.br/>>. Acesso: 12 mar. 2016.

² Disponível em: <<http://coletivoestopobalaio.com.br/videos>>. Acesso: 12 mar. 2016.

³ Disponível em: <<http://peixepula.blogspot.com.br/>>. Acesso: 12 mar. 2016.

⁴ Ação Sociocultural: espaços de transformação. Os processos de criação e o envolvimento do Coletivo Estopô Balaio com os moradores do bairro Jardim Romano, Zona Leste de São Paulo, local de constantes inundações. Divulgação do mini-curso disponível em: <<https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/acao-sociocultural-espacos-de-transformacoes>>. Acesso: 12 mar. 2016.

com os municípios de Guarulhos e de Itaquaquecetuba. Próximo à região do Itaim Paulista é composto por vários bairros: Vila Itaim, Jardim Aimoré, Chácara Três Meninas, Jardim Fiorello e Jardim Romano, todos, marcados por quadros recorrentes de alagamentos decorridos de enchentes, há cerca de dez anos.

No período de dezembro de 2009 a fevereiro de 2010, o Jardim Romano teve sua catástrofe como cenário amplamente veiculado nas mídias televisiva e impressa, aproximadamente, por cerca de 60 dias⁵.

Após a turbulência, mais politizadas e menos festivas, as ações realizadas pelos profissionais que atuavam no CEU Três Pontes visaram refletir as causas e consequências do que havia ocorrido: muitos moradores foram obrigados a migrarem para regiões ainda mais distantes dali, sob alegação de risco de morte, apropriação indevida de terrenos, casas e comércios irregulares, etc.; outros atribuíam a intensificação e permanência do alagamento na região à construção do CEU numa área de vazão de águas, mananciais próximos do Córrego Três Pontes, aspecto que reforçava a permanência de ocupação residencial dos moradores, indicativos das tensões e contradições ali presentes.

Diante disso, os profissionais que atuavam no complexo do CEU Três Pontes procuravam alternativas para superação das tensões e reaproximação com a comunidade local (LEMOS, 2010, p. 52).

Nessa época, os bibliotecários procuraram possibilidades de articulação das práticas com outros profissionais e junto aos moradores do bairro, não apenas da comunidade escolar como eram orientados administrativamente. Era preciso ultrapassar os muros, reinventar saídas, criar outros pontos de partida.

Dos projetos e ações realizadas nessa perspectiva, pode ser destacada a parceria dos profissionais da biblioteca com os artistas-

⁵ “Jardim Romano e Vila Itaim: o drama das enchentes do rio Tietê”. Uma produção de Felipe Cordeiro, Lays Ushirobira e Paulo Pacheco. Faculdade Cásper Líbero, 2012. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/jardim-romano-e-vila-itaim-o-drama-das-enchentes-do-rio-tiete/>>. Acesso: 12 mar. 2016.

educadores do PIÁ⁶, iniciada no ano de 2010, que mobilizaram ações diversas dentro e fora do dispositivo educativo e cultural.

**ATO I – DE DENTRO DA BIBLIOTECA
(2010 – 2011)
CENA 1 – Biblioteca do CEU Três Pontes:
e n c o n t r o s o u q u e p a r c e r i a s ?**

Na Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP), programas e projetos de políticas públicas para a cultura, como o “Programa de Iniciação Artística” e “Vocacional em artes”⁷, são voltados para o público jovem (crianças e adolescentes), e constituem práticas mediadoras de natureza livre, orientadas para fruição, divertimento, expressividades e promoção de reflexões sobre a prática artística, a cidadania e a ocupação dos espaços públicos da cidade. Orientadas por artistas-educadores, com formações específicas (em artes cênicas, artes plásticas, música, dança ou literatura), tais políticas propiciam a participação dos sujeitos em diferentes circuitos culturais da cidade, formação inicial e articulada nestas linguagens.

Manhã. As águas das chuvas de março cessaram.

João entra na Biblioteca.

Madeline, Cássia e eu somos bibliotecários retomando rotinas, recriando-as⁸.

⁶ O Programa de Iniciação Artística é um projeto da Prefeitura do Município de São Paulo que visa contato inicial de crianças e jovens com as artes. No blog <<http://artedepia.blogspot.com.br>> são compartilhadas ideias, conceitos e ações dos profissionais que atuam nos diferentes polos educativo-culturais da cidade.

⁷ Mais informações no site: <<http://formacaoartecultura.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

⁸ Na Prefeitura do Município de São Paulo, o cargo era designado de Especialista em Informações Técnicas, Culturais e Desportivas – Bibliotecário. Em 13 de janeiro de 2015, a Lei municipal nº 16.119, alterou a designação do cargo para Analista de Informações, Cultura e Desporto – Bibliotecário, atendendo uma reestruturação do Plano de Carreiras para Servidores Públicos de Nível Superior. Atuei como profissional no Centro Educacional Unificado Três Pontes nos anos de 2008 a 2011.

João ingressara naquele ano como um dos quatro artistas-educadores do PIÁ. Ligado ao teatro, aos textos, vai à biblioteca conhecê-la: “Que potências haveria ali? Que possibilidades? Que parcerias?”, constituem possíveis questões na ocasião. Aqui, serão abordadas pela ordem inversa.

As enchentes e o alagamento são temas constantemente relatados pelos pequenos moradores do bairro nos encontros promovidos pelo PIÁ, e desencadeara sua curiosidade: “As crianças foram os primeiros a revelar em suas narrativas a experiência que acometeu seus corpos” (João Júnior, p.9).

Ao indagar-nos sobre o ocorrido: comentamos e apresentamos um conjunto de recortes de jornais e de revistas que reunidas numa pasta temática sobre as enchentes⁹, era peça única da coleção – memória social impressa, ausente dos livros daquele acervo.

João nos pede a pasta emprestada, mas esta não constava no catálogo. O próprio requerente não estava inscrito como usuário da biblioteca. Quem era realmente João? Naquela altura dos fatos, não importava: a retomada dos trabalhos precisava ser reiniciada. Sem cadastro, João levou consigo o material impresso que solicitara. Aos cuidados de João e confiança dos bibliotecários, levou consigo e, por tempo indeterminado, o único item da hemeroteca emergente das águas.

CENA 2 – Retorna João e não está sozinho

Manhã. Biblioteca aberta ao público, sem movimentações além do cotidiano dos profissionais.

Logo surgem 4 adultos e umas 6 crianças. São os artistas-educadores do PIÁ e a turma de crianças daquele dia.

“Que parcerias?”, nos perguntaram. “Poderíamos pensar em saraus”, ensaiamos uma resposta.

⁹ Iniciativa de Ana Lúcia, na época, coordenadora de projetos do Núcleo de Educação da Gestão do CEU Três Pontes.

Todos saem de cena. Permanecem os bibliotecários e o acervo.

Com funcionários e público, o tele-centro¹⁰ compõe paisagem e partilha o espaço do piso superior daquele bloco cultural, diviso por uma murada de vidro. Todos se vêem, mas as barreiras simbólicas dos campos de atuação emudeciam possíveis diálogos...

Antes do sarau, acordado para o fim do mês, João retornara e propunha a instalação de dois barris de água mineral, vazios, cujas dimensões comportavam 20 litros (Figuras 1 e 2). Os barris d'água, recuperados na vizinhança e utilizados na época da enchente para abastecimento de casas, higienização, saciar a sede dos moradores, foram ressignificados e, agora, eram instalação: de tonalidade azul, apresentavam desenhos de olhos e sorrisos, mensagens caligrafadas, indicações sobre os temas “água”, “enchente” e “memória”:

Figuras 1 e 2: Barris d'água para coleta de depoimentos



Fonte: Acervo da Biblioteca do CEU Três Pontes, fevereiro de 2010.

Fotografias: Cássia dos Santos Marostica (Bibliotecária).

Assim, a primeira instalação e intervenção (ocupação do espaço) foi composta pelos barris d'água, que pendurados por laços – do teto à meia altura – sobre uma mesa para consulta, estavam espalhados pelo

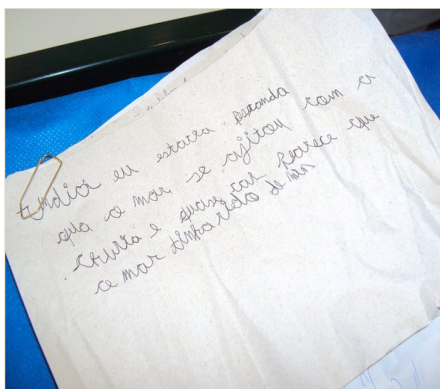
¹⁰ Sob responsabilidade da Coordenadoria de Conectividade e Convergência Digital os Telecentros são espaços que proporcionam acesso público e gratuito às tecnologias da informação e comunicação, com computadores conectados à Internet. Mais informações em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/inclusao_digital/index.php?p=143741>.

interior da biblioteca, pelo chão, próximos de algumas estantes de livros do acervo. A proposta consistia em receber depoimentos sobre a enchente, durante um mês. Rascunhos escritos em pequenos papéis, com relatos curtos, eram depositados nos barris. Após o período, seria realizada uma roda de leitura com aquilo que fosse encontrado. Nada de estatísticas, formalizações ou inscrições prévias. Apenas uma data para o encontro, para revelações e criação estética. Tudo era arriscado.

Criação e iniciativa de João Júnior¹¹, a “Roda das águas” constituiu uma série de encontros realizados na Biblioteca do CEU Três Pontes. A ação tratava de uma instalação artística de objetos relacionados às cheias, que ressignificados no contexto e narrativas, propiciaram as rodas de leituras e contação de histórias, com objetivo de recontar as memórias e experiências vividas pelos moradores, decorrentes do alagamento do bairro. Bacias com água, um tapete e barcos feitos em pedaços de papel que continham os relatos (Figura 3 e Figura 4) e compuseram o primeiro cenário da enchente, recriado na biblioteca.

Figura 3: Depoimento anônimo¹². **Figura 4:** Roda das águas.



Fonte: Acervo da Biblioteca do CEU Três Pontes, março de 2010.

Fotografia: Cássia dos Santos Marostica (Bibliotecária).

¹¹ Na época, artista-educador do Programa de Iniciação Artística da Secretaria de Cultura da Cidade de São Paulo, atuava no CEU Três Pontes.

¹² Transcrição: “Um dia eu estava pescando, quando o mar se agitou com a chuva e quase caiu. Parece que o mar vinha de mim”. Depoimento anônimo de um jovem morador. *Roda das águas*, março de 2010.

Daí em diante seguiram parcerias: saraus (Figura 5), instalações temáticas diversas, ritos e experimentações do espaço público. Desordem passageira, a ludicidade em nossas práticas orientava as ações.

Figura 5: Sarau na Biblioteca do CEU Três Pontes, abril de 2012



Fonte: Acervo da Biblioteca do CEU Três Pontes.

Fotografia: Cláudia Silva (Coordenadora de Projetos de Biblioteca).

De uma forma, bibliotecários realizavam projetos: “Mediação de leitura com xadrez”¹³, “Clube de Leitura”¹⁴ “Biblio-lá-fora”, entre outros¹⁵; de outra, artistas-educadores firmavam parcerias, propunham e orientavam outras ações¹⁶. Era preciso praticar o espaço, as expressividades, as possibilidades. O Sarau mensal reunia a todos. Festividade e tempo curto para tantas iniciativas. Jovens inscritos no

¹³ PASSOS, Marcos Paulo de. O jogo de xadrez como dispositivo informacional utilizado para as práticas de mediação da informação e da leitura em biblioteca pública e escolar. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 5.; ENCONTRO NACIONAL DO SISTEMA DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 17., 2010, Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. *Anais...* Rio de Janeiro: CGSNBP: FBN, 2010.

¹⁴ SOUZA, Madeline Cecim P. Clube de Leitura: a terceira idade e o direito à informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. *Anais...* Maceió: [s.n.], 2011.

¹⁵ Relato disponível em BOB News nº 33, p.4-6, setembro de 2010, Boletim Eletrônico do Conselho Regional de Biblioteconomia de São Paulo (CRB-8). Disponível em: <http://pt.slideshare.net/biblio_2010/bob-news-n33-setembro-de-2010>. Acesso em: 12 mar. 2016.

¹⁶ Amostra das Ações do PIÁ no CEU Três Pontes. Canal PIÁ – Programa Arrasa!!! N. 1, jan./fev. 2011. Disponível em: <<https://vimeo.com/25651290>>. Acesso: 12 mar. 2016.

teatro vocacional preparavam esquetes, mobilizavam-se como grupo artístico e amador da região (Cia. Geração da Arte), e praticavam suas primeiras atuações de palco e contato com público, com espectadores, que também éramos nós, profissionais.

ATO II – DE FORA DA BIBLIOTECA

(2012 – 2014)

CENA 1 – Galeria Olido, São Paulo:

r e e n c o n t r o s o u q u e p o s s i b i l i d a d e s ?

No ano de 2012, vinha atuando como bibliotecário do Centro Educacional Unificado Tiquatira, zona leste, região próxima do perímetro central da cidade. O reencontro com o grupo de meninos e meninas, moradores do Jardim Romano, participantes do projeto vocacional, reaparecia com outra dimensão e contorno para as esquetes que presenciara, até um ano atrás, nos saraus, nas intervenções dentro da biblioteca daquele bairro.

Tarde.

A peça de teatro intitulada “Daqui a pouco o peixe pula”¹⁷ constituiu a primeira dramaturgia, das três montagens realizadas pelo Coletivo Estopô Balaio. Conforme indicado no site do coletivo, nesta peça “[...] os *atores-moradores* entram em cena para contar suas próprias histórias e a de seus parentes e vizinhos. Pessoas que assim como eles, também sofreram com a invasão das águas através das enchentes” (COLETIVO..., 2016).

A origem textual das narrativas encenadas na peça resulta da realização de diversas entrevistas recolhidas em vídeo, “poemas num caderno” (Keli Andrade, p. 27) e conversas realizadas por integrantes do coletivo junto aos moradores, que culminaram em extensa documentação

¹⁷ Trecho da Apresentação da peça de teatro “Daqui a pouco o peixe pula” na Galeria Olido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_MfvD4uFHco>. Acesso em: 12 mar. 2016.

de histórias de vida: “Os documentos oficiais, o Governo, a imprensa, nada disso é importante aqui. O principal elemento da cena é o morador, sua história, sua perspectiva, seu olhar sobre o que aconteceu com ele e com os seus” (COLETIVO..., 2016). Convicção que indica um certo limite presente na mera reunião de recortes noticiários, constituição de uma hemeroteca temática, como pensávamos noutro momento.

Desde a primeira montagem, a peça tem percorrido ruas, escolas, bibliotecas e instituições do Jardim Romano, Alto Tietê e centro da cidade. Em 2015, foi remontada e apresentada também nas ocupações das escolas de São Paulo¹⁸.

Ademais, o coletivo assina a criação de dois conceitos internos ao grupo: “atores-moradores”, que inscreve e subverte a ordem de participação dos jovens nos palcos e nas casas de teatro da cidade (ausência de cursos formais, de registros oficiais outorgados pela Delegacia Regional do Trabalho (DRT), ou atestado de capacitação profissional). Ali, estavam em cena os moradores, contando suas histórias da enchente: colocando “água nos corpos dos outros”. Outro conceito criado pelo coletivo: “artistas-estrangeiros”, que marca a presença de artistas profissionais que não são moradores do bairro, mas que ali atuam em conjunto, realizam performances, proposições, cursos e formações livres, etc.

Espectador, assistí aos artistas-moradores exporem mais do que havia visto no palco improvisado e simbólico da Biblioteca do CEU Três Pontes. Na época, a única das 45 bibliotecas existentes em CEUs a abrir espaço para experimentações culturais daquela natureza.

Naquele momento, concluí que a Biblioteca do CEU Três Pontes, no Jardim Romano, foi palco experimental, tablado e laboratório para construção de narrativas e fomento para debates de natureza político-social, para redefinição da atuação dos profissionais e das funções culturais que as têm marcado historicamente: foco na ordenação

¹⁸ Pode ser conferido, com novos integrantes. Disponível em: <<https://vimeo.com/152511967>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

documentária e difusão cultural, passividade e relação anódina diante à realidade ao redor.

Após a apresentação, vi João, vi os meninos e meninas, agora, integrantes do coletivo. Todos nos abraçamos. Nos colorimos da mesma tinta e suor. Conversamos. Anunciaram os próximos andamentos e ações do Coletivo Estopô Balaio pelo bairro.

CENA 2 – As migrações (e derivas) locais

Ainda havia uma questão a ser respondida. É inquestionável a importância dos espaços culturais para a comunidade em geral, mas há limites regimentais e paradigmáticos que os orientam, aspectos que requerem outras alternativas para transpô-los.

Os anos de 2012 a 2015 marcaram a transição definitiva dos integrantes do grupo: do espaço institucional – CEU/PMSP – para a comunidade. Assim, o Coletivo Estopô Balaio, como protagonista conjunto, assume meios de autogestão e saídas por meio de Políticas Públicas da Cultura: editais como VAI (Valorização de Iniciativas Culturais), PROAC de Artes Visuais e PROAC de Artes Cênicas (Montagem e temporada de espetáculo inédito¹⁹), editais de ocupação de espaços públicos e de Fomento ao Teatro, viabilizaram, ao largo dos anos, a fundação de sede própria, residência artística, ação cultural e casa memorial do processo criativo no Jardim Romano²⁰.

¹⁹ Carta 3 – “A cidade dos rios invisíveis”: <<https://www.youtube.com/watch?v=TjbNv5UAysk>>.

²⁰ Entrevista ao "Diálogos Teatrais" do Programa Municipal de Fomento ao Teatro - São Paulo – PMSP: <https://www.youtube.com/watch?v=8wa8_IrdnHl>. Acesso: 12 mar. 2016.

ATO III – DOS PROTAGONISMOS NA CIDADE CENA ÚNICA – interlúdio ou que potências?

O Estopô Balaio é um coletivo de artistas que conta em sua maioria com a participação de artistas migrantes. Conforme João, *artista-estrangeiro*, diretor e coordenador das ações do grupo, foi esta condição – de serem migrantes nordestinos – que aproximou orgânicamente e potencializou a rápida identificação com moradores do bairro, que aproximou e reuniu o grupo de artistas e que permitiu o desencadeamento de diversas ações no bairro: 3 espetáculos teatrais constituem sínteses das ações realizadas: “Daqui a pouco o peixe pula”, “O que sobrou do rio” e “A cidade dos rios invisíveis” são montagens e encenações de três momentos da enchente: “a água, a lama e o pó” (João Júnior, p. 9).

“O que sobrou do rio”²¹, segundo espetáculo criado pelo Estopô Balaio no Jardim Romano, retoma o tema das enchentes e alagamentos vividos pelos moradores do bairro. Entretanto, o foco desta vez é outro: a CASA é elemento que vai evocar as memórias mais íntimas dos moradores: “[...] A casa é vista por nós como lugar de sonho e devaneio e provedora de segurança física e existencial. O que muda em relação a isso depois que o rio transborda?” (COLETIVO..., 2016). “O que sobrou do rio” contou com *atores-moradores* e *atores-estrangeiros* em cena e teve a participação de moradores: D. Netinha, D. Adelina, D. Francisca, Fátima, Larissa, Luana, Luzia e Thiago, representados pelo coletivo.

Nesta dramaturgia, os atores amenizavam a impossibilidade de serem quem interpretavam. Bruno Fuziwara (p. 21), *ator-morador*, integrante do coletivo, expressa esse limite: “Como vou fazer para interpretar, montar essa personagem?”. E prossegue: “Eu falava sobre o grande abismo que há entre Francisca e eu, entre os anos que nos

²¹ Nesse link pode ser visto um pouco da dramaturgia: “O que sobrou do rio: enchente que virou arte”: Trecho da peça disponível em: <<http://www.culturaleste.com.br/2015/05/o-que-sobrou-do-rioenchente-que-virou.html>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

separam, o mistério de gerar filhos, que eu nunca saberei. Enfim, esse vale enorme que nos separa” (Bruno Fuziwara, p. 25). Atualmente, “Toda vez que a gente se encontra, eu falo: Oi dona Netinha! E ela responde: Oi dona Netinha! Só a gente entende!” (Bruno Fuziwara, p. 21). O depoimento de Dona Lica também ilustra a sensação desperta pela encenação: “Somos nós! O vizinho daqui do lado, tá aí, dentro do teatro! Só a gente sabe o que passou e ver tudo isso virar uma peça!” (depoimento citado por Suzana Schimidt, p. 68).

O espetáculo esteve em cartaz em 2013 no Jardim Romano e no Memorial da América Latina, que no ápice do percurso, marcou a apresentação dos dilemas vividos no bairro à capital. No início de 2014, circulou por cidades que também sofreram com enchentes: Itaquaquecetuba, Poá, Ferraz de Vasconcelos e Mogi das Cruzes (COLETIVO..., 2016).

“A cidade dos rios invisíveis”²², terceiro espetáculo realizado pelo Coletivo Estopô Balaio finaliza a “trilogia das águas”. A viagem de trem - Linha 12/Safira da CPTM sentido bairro, é composto de uma áudio-tour²³ e experiência cênica nas ruas, becos, casas, comércios do próprio bairro. “No áudio elaborado pelo grupo, [no trajeto] são contadas as histórias dos bairros cortados pela Linha 12” (COLETIVO..., 2016). A provocação dos artistas ao público é o reiterado convite para seguirem o percurso contrário, o contra fluxo: do centro para periferia.

Depoimentos, músicas, poesias se misturam na experiência sonora e o trem, assim como a cidade, vira personagem do espetáculo [como a biblioteca, cenário e palco, outrora]. São Paulo, aliás, em suas contradições e seu lado invisível (tudo aquilo que não é Centro, mas periférico) está presente nessa montagem (COLETIVO..., 2016).

Segundo os produtores, “O que não é visto, é mostrado aqui, e pessoas que nunca pisaram no bairro do Jardim Romano (invisível) vivem

²² Teaser do espetáculo “A cidade dos rios invisíveis” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AFcGMKSGy40> >. Acesso em: 12 mar. 2016.

²³ Trecho do áudio-tour: <<https://www.youtube.com/watch?v=FzKHVxyUJhs>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

a experiência daquelas ruas junto com os artistas” (COLETIVO..., 2016). No espetáculo as histórias das águas que invadem casas, adoecem, matam, são novamente contadas, mas, desta vez, *in loco*, pelas ruas do bairro. Além das histórias das enchentes, o espetáculo incorpora diversos artistas do bairro e linguagens: poesia, música, dança de rua²⁴, rap²⁵, grafite²⁶ são apresentados por artistas convidados e moradores da região (COLETIVO..., 2016).

Afora os espetáculos teatrais, o Coletivo Estopô Balaio fomenta ações culturais como: “Sarau do Peixe” (música, intervenções e poesia), “Ateliês de criação” (oficinas de teatro, dança, desenho e memória) “Cine varal Romano” (projeção fílmica na rua), “Cabaré d’água” (manifesto artístico que aborda movimentos LGBT, feminismo, religiões, etc., na periferia) e “Ao Redor” (COLETIVO..., 2016)²⁷, que merece uma descrição mais detida.

O projeto “Ao redor”, fomentado pelo PROAC de Estímulo à Leitura em Bibliotecas Municipais, é representação “[...] *da parceria laboratorial firmada entre bibliotecários do CEU Três Pontes com os artistas-educadores, que atuavam pelo PIÁ*”, posteriormente, integrantes do coletivo (Depoimento de João Júnior, dezembro de 2014, gravação de áudio). O projeto, idealizado e levado a efeito pelo Coletivo Estopô Balaio, propõe “[...] uma aproximação entre moradores dos bairros das periferias paulistanas e as bibliotecas no seu entorno. A intenção é promover esses espaços como locais de uso constante da comunidade” (COLETIVO..., 2016).

Conforme depoimento dado por Ana Carolina Marinho, *artista-estrangeiro*, co-fundadora do coletivo: “A gente vai numa biblioteca, visita

²⁴ Grupo de dança Lemitrikamal.

²⁵Família

Nada

Consta:

<<https://www.youtube.com/watch?v=TdVGGqALtKU&list=PLSlqOLF2i8CM9ngaaaLqH0L62NukVRr1I&index=5>>. Acesso: 12 mar. 2016.

²⁶ Iniciado com Cris Ignoto: <<http://opeixepula.blogspot.com.br/2012/07/atelie-de-grafitt-com-cris-ignoto.html>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

²⁷ Teaser das “Ações culturais e espetáculos do Coletivo Estopô Balaio”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b3OKoNYX87I>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

seu entorno, de casa em casa, conversando com as pessoas que estão nas ruas, nas calçadas, vai conhecendo essas histórias e tentando reconstruir a memória desse bairro e desse lugar, tudo, a partir de um registro de áudio e câmeras [fotográficas] [Depois] a gente convida essas pessoas pra irem na biblioteca ver o que a gente fez com as histórias delas” (Depoimento, dezembro de 2014, gravação de áudio).

Segundo os integrantes do coletivo “[...] a ideia é mapear os moradores no espaço imediatamente ao redor das bibliotecas e estimulá-los a participar de diversas atividades que incluem instalações, saraus, ateliês de memória e narrativas, rodas de histórias” (COLETIVO,...2006). Trata-se de um amálgama das ações do coletivo articulado às dinâmicas da biblioteca pelo período de uma semana (Figura 6):

Figura 6: Cartaz de divulgação



Fonte: Acervo da Biblioteca CEU Parque Veredas

Assim, “Ao redor” é outro projeto do Coletivo Estopô Balaio que usa a história de vida de moradores de comunidades periféricas como matéria de pesquisa e produção. “Ao redor”, iniciado na biblioteca do CEU Três Pontes, em caráter experimental, por meio dos fomentos, foi realizado, também, na Vila Curuçá, na Biblioteca Pública Vicente Paulo, e no bairro Itaim Paulista, na Biblioteca do CEU Parque Veredas (Figura 7):

Figura 7: Instalação e Sarau do Coletivo Estopô Balaio, setembro de 2013.



Fonte: Acervo da Biblioteca CEU Parque Veredas
Fotografia: Camilo Gomes Silva (Coordenador de Projetos de Biblioteca)

Em dezembro de 2014, o projeto esteve vinculado às bibliotecas móveis [ônibus-biblioteca] dos bairros Capão Redondo, Jardim Paulistano, Vila Nova Esperança e Jardim D’abril²⁸ (COLETIVO..., 2016). Parceria firmada com a Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo, o projeto reposiciona a participação dos *artistas-moradores* do Jardim Romano: “*Essa experiência com a biblioteca nos traz essa possibilidade de experiência de todos do coletivo como artistas-estrangeiros. Relação que movimenta, faz morrer uma perspectiva e faz nascer outra*” (Depoimento de João Júnior, dezembro de 2014, gravação de áudio). Uma outra participante do encontro no CPF-SESC expõe sua perspectiva do relato de João: “*Penso que ali, o artista-morador e o artista-estrangeiro se fundem, tornam-se “nômade”, migrantes, de lugar nenhum e de todo lugar, pela cidade*” (Depoimento, dezembro de 2014). Ademais, com o decorrer das experiências, os *atores-moradores* assumiram outras *expertises* como produção, cenografia, co-criação, dentre outras.

João nos conta sobre o projeto com o ônibus-biblioteca, desdobramento do projeto “Ao redor”: “*Num primeiro momento, a gente*

²⁸ Amostra de coleta: <https://www.youtube.com/watch?v=hAzJ-Q_7zQ8>. Acesso em: 12 mar. 2016.

chega num bairro, se divide em equipes, vai derivar ao redor desses espaços próximos que estão ao redor do ônibus, encontrar pessoas e registrar o encontro” (Depoimento de João Júnior, dezembro de 2014, gravação de áudio).

A metodologia da construção do projeto tem dois princípios: “*O encontro precisa ser gravado em áudio; O encontro precisa ser registrado fotograficamente. Essa pessoa tem que saber que a gente vai registrar aquilo e que a gente vai transformar aquilo em alguma coisa*” (Depoimento de João Júnior, dezembro de 2014, gravação de áudio). Este é o aspecto ético presente na ação.

Prosseguindo a descrição da metodologia para criação coletiva: “*A gente pega esse material e vai rever no ônibus. Esses depoimentos gravados ficam em caixas de som dentro do ônibus, as fotografias são colocadas no ônibus e, essa foto do morador, geralmente, do rosto do morador, vira uma máscara*” (Depoimento de João Júnior, dezembro de 2014, gravação de áudio). Aspectos que indicam a produção de documentação e de criação cênica.

A problemática da representação, da mímese, é reflexão retomada nas ações: “*Pensando o que é a questão da representação. Em um determinado momento, pra gente, foi uma crise, pensamos: como é que eu posso falar pelo outro? Eu não vou conseguir. Eu posso falar do outro. Nunca pelo outro. Como é que eu posso representá-lo?* [pausa na fala] *Quem pode se autorepresentar é somente ele*” (Depoimento de João Júnior, dezembro de 2014, gravação de áudio).

E uma solução para a questão é: “*Então, a gente segue com essa máscara até o morador, com a narrativa dele num fone de ouvido, num áudio, e a gente faz um pequeno ritual de batismo: o morador veste o ator com a sua máscara e concede o direito de dizer pelo bairro a história de “Jane”, [por exemplo], contadas pela própria Jane [representação de Jane]. Isso é ofertado para as pessoas ouvirem. Conseqüentemente, pensando nas artes visuais, queira ou não queira, o morador, se torna um elemento dessa instalação e disposição que está [presente] no ônibus, mas um elemento que se desloca pelo espaço. Já*

deixou de ser morador, já virou outras coisas. Num terceiro momento, a gente volta pra fazer uma roda de histórias” (Depoimento de João Júnior, dezembro de 2014, gravação de áudio).

Mas como todo projeto de Ação Cultural tem natureza imprevisível: *“Deu certo a roda de histórias? Não! Quem conhece o espetáculo [A cidade dos rios invisíveis] viu que a gente fez uma rádio com Jacira. [...] Então, levamos uma caixa de som e, assim como entrevistamos Jacira, no Jd. Romano, a gente vai entrevistar um morador, um pequeno deus, aquele morador que está ali. A entrevista é essa: A chegada dele no bairro, como ele viu a mudança no bairro... E aquilo que é tão íntimo dele, que eu acho tão bonito no projeto, é quando naquilo que é tão particular, existe a disponibilidade e a coragem de se tornar público. E aí, o morador tá falando daquilo em praça pública, falando aquilo pro seu vizinho” (Depoimento de João Júnior, dezembro de 2014, gravação de áudio).*

Diante do exposto, o “coro” evoca considerações preliminares acerca das ações dos diversos atores implicados no relato, sobretudo, contribuições do Coletivo Estopô Balaio para o campo da Ação Cultural, das Artes e Biblioteconomia. Ademais, estabelece articulação e diálogo com autores e conceitos que sustentam as aberturas postuladas nesta reflexão.

4 (CORO) C O N S I D E R A Ç Õ E S... : Conceituações com reticências...

“O teatro é forma privilegiada de Ação Cultural”. Esta síntese, postulada pelo professor José Teixeira (COELHO NETO, 1989, p. 82), indica o campo cênico como modalidade artística que reúne elementos vitais da Ação Cultural, entendida “[...] como a criação das oportunidades para o uso dos recursos pessoais em seu potencial mais amplo como modo de expressão e inteligência do mundo.” (COELHO NETO, 1989, p. 85). Diferentemente da “ação cultural de serviços”, da “animação e fabricação cultural”, a Ação Cultural define-se como o “[...]”

processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura.” (COELHO NETO, 2001, p. 31).

Em tempos de comunicação de massa, globalização e virtualização da realidade, consiste em eliminar ou diminuir a distância e a passividade, que afeta a ampla maioria da população, para constituir-se como **ação sociocultural**, “[...] posicionar uma pessoa, um grupo ou uma comunidade, em condições de exprimir-se em todos os aspectos da vida social.” (COELHO NETO, 2001, p.33).

Nessa perspectiva, como assinala Lúcia Maciel Barbosa de (OLIVEIRA, 2008, p. 67): “Espaços de criação poética coletiva são instituídos onde sujeitos podem intercambiar práticas e vivenciar experiências de autonomia e afetividade, na produção coletiva do comum, na experimentação compartilhada, em relações horizontais, não hierarquizadas, sem lideranças; nas relações baseadas na igualdade, na liberdade e na participação; na potência e efemeridade da composição”.

Assim, concernente às parcerias entre profissionais bibliotecários, educadores e artista-educadores, *artistas-estrangeiros* e *artistas-moradores*, aludida e resgatada na composição do Ato I, ocorrida dentro da biblioteca, ampliada e recriada pelo coletivo no projeto “Ao redor”, composto fora e dentro da biblioteca (Ato III), mostram que a apatia reprodutora de sistemas e valores defendidos por elites culturais e práticas redutoras, centradas no tecnicismo, presentes em dispositivos culturais²⁹, encontram saídas críticas e criativas, pontos de partida, em diálogos de natureza aberta, provocadora e revolucionária dentro dos fazeres e reflexões de diversos profissionais.

Nesse sentido, constituem aspectos que indicam possibilidades de superação do paradigma residual da difusão cultural, que ilustrado por Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (2015), Edmir Perrotti e Ivete Pieruccini (2007), dentre outros, apresenta-se, invariavelmente, como

²⁹ O conceito de Dispositivos, na perspectiva desse relato, pode ser consultado em Perrotti e Pieruccini (2007).

práticas profissionais desconexas da realidade presente e muito além dos acervos bibliográficos ou estritamente informacionais. Assim, é urgente refletir e redefinir nossa atuação profissional, sobretudo no universo da cultura, em diálogo e debates constantes com as Artes, com atores sociais e contextos.

Sobre a perspectiva da Biblioteconomia, as ações de dramaturgia do coletivo, por constituírem-se em decorrência do que se nomeia teatro-documentário, conceito de prática que reúne registros e documentos da realidade para representação ficcional e construção de dramaturgias (SOLER, 2008), dentre outros aspectos, indicam expressividades cotidianas circundantes aos dispositivos culturais e ciclos documentários de que se ocupam as bibliotecas, e seus profissionais, que poderiam ser compreendidas como documentação pertinente à composição de coleções presentes nos acervos locais, sendo recuperados por meio de coletas audiovisuais, gravações de áudio, fotografias, produções textuais, hemerotecas temática e comunitária, etc.

Diante do exposto, as intervenções realizadas pelo Coletivo Estopô Balaio contribuem para emancipação das experiências artísticas de moradores afastados do centro, posicionando-os não como meros consumidores, usuários ou clientes da cultura, mas como sujeitos, protagonistas da cidade, protagonistas culturais³⁰, que apropriados de suas narrativas, avançam sobre espaços públicos, os tomam e os reinventam.

De outro modo, assinalam a relevância das políticas públicas para cultura, fundamentais às ações e afirmação dos direitos culturais. Conforme aponta Lúcia Maciel Barbosa de (OLIVEIRA, 2010, p. 99) “[...] a ampliação do acesso a uma grande diversidade de expressões, a possibilidade de conhecer, vivenciar e refletir de maneira crítica, a partir de diferentes linguagens artísticas, são essenciais para a formação de

³⁰ Conferir o conceito de Protagonismo Cultural em Perrotti e Pieruccini (2007).

sujeitos que compreendam, criem e sejam atores críticos na proposição de contextos mais democráticos e includentes”.

Em suma, “[...] falar do outro e deixá-lo falar por nós tornou-se o percurso daquilo que começamos a fazer: criar arte a partir da necessidade de inventar a vida” (João Júnior, ator-estrangeiro). Contudo, questões éticas permanecem abertas, no limiar da poesia e violência dos alagamentos: “O que pode a poesia operar em situações de trauma social? O que nos cabe de responsabilidade diante desse acontecimento? Como fazer a lembrança não cair no esquecimento sem usurpar a memória alheia?” (João Júnior, p. 9). Aí, situam-se as reflexões e ações do coletivo: é tanto o Teatro quanto a Ação Cultural se inscrevendo na história do bairro, modificando-o e reiventando lugares.

Ademais, ações do Coletivo Estopô Balaio posicionam o bairro Jardim Romano dentre as regiões periféricas da cidade de São Paulo que criam espaços culturais (materiais e simbólicos), o cartografa como polo, coro, movimento e manifesto que correlaciona a complexidade e particularidades que o caracteriza socioculturalmente, tanto nas linguagens, plataformas e suportes artísticos que o expressa e explicita, quanto na tensionalização das práticas que provocam e que ampliam a cena cultural na cidade.

Por fim, em relatos como este, há reduções, contradições (Cultura e Arte, por exemplo) e ausências tecidas desde o atendimento e contorno das pré-formas textuais (tipologia redacional) à impossibilidade de captação de tantas esferas comunicacionais implicadas nas ações. Evidentemente, há sujeitos e desdobramentos que não foram explicitados nessa comunicação, que indicam a continuidade de percursos narrativos em outros formatos, em outras textualidades, territorialidades simbólicas e/ou concretas, em novas e outras cartografias. A possibilidade de ter uma pequena parte dessa história na minha trajetória pessoal, profissional, é inenarrável, presente e contínua.

Seguem-se dias e noites, vigília, sonho e desejo.

Conforme aponta Jacques Rancière (2010, p. 23), “[...] os espectadores vêem, sentem e compreendem algo na medida em que

compõem o seu próprio poema, como a seu modo, fazem os actores ou os dramaturgos, os realizadores, os bailarinos ou os *performers*.” Assim, tanto os *artistas-estrangeiros*, os *artistas-moradores*, que conhecemos pelo Coletivo Estopô Balaio, quanto o *espectador emancipado* (RANCIÈRE, 2010), inscrevem-se nas dinâmicas e processos criativos suscitados pelo ato artístico:

Narrativa de um bibliotecário – “A nascente do acervo das águas”

Sentido centro-periferia-centro. Sentido periferia-centro-periferia. O pressuposto é: constituir e difundir acervos para comunidade. Nessa perspectiva, a biblioteca permanece um espaço de mediação anódina, submetida a demandas culturais outorgadas, prescritas ou agenciadas; conserva-se edificação em dois sentidos: prédio e coleções - adereços paisagísticos -, espaço sem captura, essencialmente desconexa; oferta para consumo, embrutece. Sentido periferia-centro-periferia. Sentido centro-periferia-centro. De outra forma, a mediação significativa aproxima, reúne e vincula os diferentes sujeitos, coloca em diálogo variadas matrizes: processa experiências - inscritas e contadas -, vocifera fortunas críticas autorais e contextualizadas, abarca e emancipa. Desta justaposição apontam-se os cursos: pausa e condução passiva; fruição, deriva e risco - apropriação cultural. Encontrar o “acervo das águas”, portanto, é desafio que requer um deslocamento por detrás das estantes de uma biblioteca; o desvio da leitura de lombadas de livros, da compreensão de seus códigos ordenadores; um contato imediato e o abandono breve dos impressos, das mídias digitais, dos universos virtuais e *hiperlinks*; em suma, do ambiente objetivo. Situada num ponto de fuga da Biblioteca do bairro, o afluente do acervo das águas é revelado por fontes subjetivas, canais tortuosos e cursos incertos. Ordinariamente, a coleção teve como origem pelo menos três movimentos de composição: a junção e o transbordamento do Rio Tietê e do Córrego das Três Pontes e uma geografia local adequada ao fenômeno instaurado pelas sucessivas cheias d’água, decorrentes das tempestivas de verão; a combinação da cobertura noticiária da enchente e o arranjo de uma hemeroteca temática, que inscrevera uma memória oficial dos fatos; por fim, o encontro dos “sujeitos das águas”: moradores, ex-moradores e passantes-estrangeiros, todos, moradores à margem de uma mesma cidade, vindos de lugares tão pertos e distantes.

Da organização dos documentos à pesquisa atenta dos recortes de jornais e revistas, dos registros fotográficos e vídeos em dispositivos portáteis contidos na hemeroteca especial, insurgiu a parceria entre artistas-estrangeiros, bibliotecários e moradores. Decorrentes dos encontros, uma série de intervenções provocadas pelos artistas - profissionais e jovens amadores - acabou por colocar a enchente no âmbito da biblioteca, e transbordou.

O aparecimento, a permanência e a passagem de um rio por uma rua sem vazante em frente ao CEU Três Pontes é experiência, memória e narrativa recontada pelos sujeitos das águas: “Provinham das chuvas a insurreição daquelas águas!” O rio resistia e escorria ao longo da extensão da rua por alguns minutos, às vezes horas; no mesmo dia, tal como nunca tivesse existido, o rio desaparecia. Restava a rua molhada, a poeira baixa e nossos passos inscritos temporariamente numa úmida travessia. A contação de histórias da enchente - as Rodas das Águas -, as esquetes cênicas do grupo de jovens amadores nos saraus mensais, antecipavam que o acervo das águas, tinha outro escoamento: o encontro de *artistas-estrangeiros* e de *artistas-moradores*, a jusante e a montante que compunham novo fluxo. Daí em diante, compunha-se por entrevistas coletadas aos moradores. O acervo das águas era suporte, ação crítica e criativa na cidade.

Dali em diante, nós, os sujeitos das águas, tínhamos em nossas conversas o desejo de compreender o que havia passado. Esperar o retorno do rio da chuva criava uma expectativa coletiva, por vezes, enfadonha: para os desavisados, era divertimento de fim de tarde, num dia de expediente; para os margeados moradores, instabilidade e interrogações sacralizadas.

“Toda vez que chovia, eu tremia. Parecia que aquela água estava dentro de mim!”

Nas semanas posteriores, com chuva ininterrupta, o rio demorava a esvaecer. Permanecia por dias naquela rua. Profundo, já não era possível vencê-lo a plenos passos, apoiando-se junto dos gradeados da vizinhança, ou à sua margem, caminhando pelas calçadas das casas. Era preciso o uso de botes, adentrar e misturar-se à textura do rio; unir-se à paisagem. O *Rio das Três Pontes* já tinha extensão que cobria parte significativa do bairro. Impunha aos seus sujeitos das águas, novas ordens e dinâmicas no cotidiano. Havia destituído de suas casas, moradores longevos e recém-chegados; encobriria ruas, quintais, jardins, ninhos, hortas e dejetos; invadira casas, criava mapas e tornava a tudo matéria-prima: sucata.

Fazia precárias as tentativas de escoamento e pôs abaixo as paredes frágeis, edificadas urgentemente à força migratória precedente. Instalara no semblante de cada pessoa, um temor. Silenciou a narrativa

perseverante dos mais velhos e, com o tempo, o brincar das crianças, aplacando, também, a expressão vívida dos animais de estimação... Dali em diante, todos tinham vida duplicada: térrea e submersa. Pôs a todos uma vida incompreendida, envolta de mistérios. Mas, também, tirou o bairro da margem da cidade. As chamadas *ao vivo* nos programas jornalísticos dos canais televisivos, replicados na internet, feito esquetes, contribuíam para outra representação das narrativas, colocavam o drama do bairro alagado em relevo no país. Pôs holofotes!

O bairro noticiado abastecia os periódicos midiáticos, o comércio e as narrativas.

Naquela altura dos episódios, pelo menos três fatos contribuíram para a presença perseverante do *Rio das Três Pontes*: chuva constante e obstrução de uma vazante natural, o desejo enfadonho, o espetáculo das luzes de ribalta e o esquecimento do poder público. Contestado e confrontado, logo as políticas públicas que estavam ausentes, puseram-se a retornar para os moradores e não-moradores, ao curso de dois anos, o bairro sem enchente. “Pôs de lado”.

O *Rio das Três Pontes*, hoje, é fato narrado, inscrito tal como outras histórias, no movimento migratório e resistência dos moradores. A migração, agora, também é por dentro dessas ‘narrativas da memória das águas’, fazendo-as imergir e emergir sob a forma de verso: de palavras escritas, palavras ditas, expressas numa arte emancipada, inscrita nos muros do bairro, por dentro dos cômodos desarticulados de casas vizinhas e ocupação de palcos pavimentados, tablados e lajes.

A biblioteca do CEU Três Pontes continua espaço de escuta e de reconhecimento da narrativa oral; permanece umedecida e com acúmulo de lama, feito casa de taipa - reflexo do ocorrido -, “laboratório de (re)criação permanente”.

“Queremos mantê-la assim: constituindo a coleção do acervo”.

A enchente é o que o acervo das águas pretende preservar minimamente, por fragmentos, reconstituir, contar... É reunião de indícios que pudemos reter e dispor para consulta, para estudo e reflexão...

Os *artistas-estrangeiros* chamam tudo isso de: “poética das águas”, que para nós, revela os indícios da existência da *Nascente do Acervo das Águas*, constituído muito além do dossiê primário de uma hemeroteca temática especial (a coleção de recortes de jornais) ou memória registrada alocada num ponto objetivo da Biblioteca do CEU Três Pontes, ou *hyperlinks* no universo da cibercultura - antes, se realiza numa poça.

Hoje estou à margem da galeria das águas e dos rincões das cidades vizinhas, estrangeiras e fronteiriças, e acompanho no horizonte, ouço dizer e às

vezes vejo que a coleção se revela de forma inabalável, marcante, tal como fora o rio da chuva e rio da enchente, nas narrativas dos sujeitos das águas: daqueles velhos e púberes moradores, dos passantes-estrangeiros; que ressurgem nas instalações e dramaturgia que reconta e recria as experiências vividas, o transbordamento de tanta água e poesia.

Felizmente, não é possível viver as experiências que inundaram os moradores e ex-moradores do Jardim Romano, mas revisitá-las, torná-las visíveis é reflexo desse compromisso coletivo que estrangeiros-passantes, migrantes e urbanos, provocam, feito nova e contínua nascente. Sentido periferia-centro-periferia. Sentido centro-periferia-centro.

A entrada de obras raras no acervo constitui-se também dessas experiências, memórias e narrativas - não cessam! Brotam e se realizam. Conjunto que expôs da lama as cenas e a claquete, escoou por diversas ruas da cidade até o centro, e volta! Reencontra-se novamente com o impresso e o leitor, hoje, e em diferentes épocas. Relato de Marcos Paulo de (PASSOS, 2014, p.62-63).

Marcos Sibilino, integrado ao balaio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Conservadorismo e revolução (ou reformismo) na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v.8, n.2, p.132-144, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/diver/article/view/45052/27431> >. Acesso em: 12 mar. 2016.

ANDRADE, Keli. Um mergulho no rio da minha vida. **Revista Balaio**, São Paulo, n.1, p.27, 17 out. 2014.

COELHO NETO, José Teixeira. **O que é Ação Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos, 216).

_____. **Dicionário crítico de política cultural**. 2. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

COLETIVO ESTOPÔ BALAILO (de) Criação, Memória e Narrativa, 2016. Disponível em: <<http://coletivoestopobalaio.com.br/>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

FUZIWARA, Bruno. Encontrar-se é despedir-se. **Revista Balaio**, São Paulo, n.1, p.21, 17 out. 2014.

_____. Um mergulho no rio do tempo. **Revista Balaio**, São Paulo, n.1, p.25, 17 out. 2014.

JÚNIOR, João. Convite às águas. Estopô Balaio (de) Criação, Memória e Narrativa – Um balaio de lembranças. **Revista Balaio**, São Paulo, n.1, p. 08-10, 17 out. 2014.

LEMOS, Charlene Kathlen. **Bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados: a construção de uma cultura comum**. 177 f. 2010. Dissertação – (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-10012013-184342/pt-br.php>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. Corpos que escapam: ação cultural como resistência. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 34, p. 61-72, 2008.

_____. Participação: para pensar políticas culturais no século XXI. **Políticas Culturais em Revista**, v. 3, p.93-101, 2010.

PASSOS, Marcos Paulo de. A nascente do acervo das águas. **Revista Balaio**, São Paulo, n.1, p.62-63, 17 out. 2014.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, Marilda L. G, FUJINO, Asa. NORONHA, Daysi. P. (Org.) **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 46-97. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/ata/pos/ppgci/publicacoes%20-%20informacaoContemporaneidade%281%29.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

SCHIMIDT, Suzana. Ensaio sobre os rios invisíveis: ou se fazer espectador entre a experiência, o tempo e a memória. **Revista Balaio**, São Paulo, n.1, p.66-70, 17 out. 2014.

SOLER, Marcos Marcelo. **Teatro Documentário: a pedagogia da não ficção**. 156 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27155/tde-13072009-184640/pt-br.php>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

Title

Cultural Action for reinvention of libraries practices: creation of other means and other purposes - the Coletivo Estopô Balaio contributions

Abstract

Introduction: Cultural Action is a conceptual area and experimental practice in the arts, present also in professional practices of librarians in public libraries.

Objective: It marks the importance of dialogue between different professionals, within and outside libraries who can check expressive articulation and autonomy for local cultural groups, resize practices and possibilities of many experiences in the cultural dispositives in the city. This report intends to indicate the Library as an apparatus for affirmation of local expresivity, articulation between subjects and appropriation (cultural and simbolic) of public spaces. Furthermore, it seeks to raise reflections about professional performance of librarians in educative-cultural contexts, mostly, pertaining to Cultural Action.

Methodology: Experience report that brings back partnerships, approaches and executes projects by Coletivo Estopô Balaio at the eastern border of São Paulo. On this subject, a documentary research was implemented, starting with the production of the own group with theoretical subsidies of the scientific field of Cultural Action, which sustains the narratives.

Results: The colaboration between librarians and artists/educators shows that it is necessary to redefine and enlarge actions at the Public Library in a social-cultural action perspective.

Conclusion: The Cultural Action, in an articulated perspective, puts together aspects of expressive statement of groups and social actors, redefinition of cultural dispositives and professional practices, approach between arts and librarianship.

Keywords: Cultural Action. Public Library. Arts and Librarianship. Social Memory. Public Spaces Occupation. Coletivo Estopô Balaio.

Título

Acción Cultural para la reinvencción de las prácticas en bibliotecas: creación de otros medios y otros fines

Resumen

Introducción: La Acción Cultural es un campo conceptual y de práctica experimental de las artes, que está presente también en las prácticas profesionales que los bibliotecarios realizan en bibliotecas públicas.

Objetivos: Señalar la importancia del diálogo de diferentes profesionales, dentro y fuera de las bibliotecas, que apunten a conseguir articulación y autonomía expresiva para los grupos culturales locales, redimensionando diversas prácticas y posibilidades de experimentación en las distintas instituciones culturales de la ciudad. El texto posiciona la biblioteca como centro articulador de las expresiones locales, generando conexión entre los sujetos y la apropiación cultural y simbólica de los espacios públicos. Además, busca fomentar la reflexión acerca del desempeño profesional del bibliotecario en el ámbito educativo-cultural, con énfasis en la Acción Cultural.

Metodología: Relato de experiencia que rescata alianzas, aborda y presenta proyectos realizados por el Colectivo Estopo Balaio, que opera en el extremo Este de Sao Paulo. Para lograr el objetivo se investigó la obra propia del grupo, como aporte teórico y sustento narrativo al campo de la Acción Cultural.

Resultados: Una alianza entre bibliotecários y artistas-educadores da cuenta que es necesario redefinir y ampliar las acciones dentro de la Biblioteca Pública desde un enfoque de intervención sociocultural.

Conclusión: La Acción Cultural, desde una perspectiva articulada, reúne aspectos fundamentales para la conformación expresiva de grupos y actores sociales locales, logrando la resignificación de las instituciones culturales y las prácticas profesionales, consiguiendo de esta manera una relación más cercana entre las áreas de las Artes y la Biblioteconomía.

Palabras-clave: Acción Cultural. Biblioteca Pública. Artes y Biblioteconomía. Memoria Social. Ocupación de los espacios públicos. Coletivo Estopô Balaio.

Recebido em: 26.12.2015

Aceito em: 20.03.2016